



**Monte Kurama**

Associação Portuguesa de Reiki

[www.montekurama.org](http://www.montekurama.org)

## A Mestre Takata fala sobre o Reiki

---

### **Nota do Monte Kurama – Associação Portuguesa de Reiki**

Esta é a tradução para português de uma cassette gravada durante um curso de Reiki dado pela Mestre Takata. Desde o início que o Reiki foi de tradição oral, sendo o material escrito apenas relativo aos princípios, métodos e aplicações a doenças específicas. Diane Stein “rompeu com essa tradição e decidiu publicar os símbolos e informação sobre iniciações, com o nome de “Reiki Essencial”. A história contada pela Mestre Takata sofreu algumas alterações pois crê-se que pretendeu tornar o Reiki mais compreensível para os ocidentais, na sua maioria cristãos. Não foram encontrados registos do Mestre Usui ser sacerdote cristão ou reitor numa universidade, assim como não está provado que o Mestre Hayashi fosse o seu primeiro discípulo e sucessor por “direito”. Recomenda-se que este documento seja analisado de um ponto de vista histórico e não usado na divulgação do Reiki pois poderá criar alguma confusão. No entanto, este documento tem a sua validade e valor histórico para todos os praticantes de Reiki pois faz parte do grande caminho do Reiki pelo mundo.

Sendo um dos objectivos do Monte Kurama – APR, este projecto será sempre revisto e validado ao longo do pelo, quer pelos órgãos da Associação, quer pelos seus associados.

## Introdução

A Mestre Takata trouxe o Reiki do Japão para o Ocidente em 1938. Até 1982, o Reiki era uma tradição oral no Ocidente, sem qualquer registo escrito da história dos seus ensinamentos. Até recentemente, toda a informação corrente sobre a história do Reiki chegava até nós por meio das palavras da Mestre Takata.

Em 1996 e 1997, foram feitos contactos mais directos com os Mestres de Reiki no Japão, incluindo o contacto com Reiki Ryoho Gakkai, a Organização original criada pelo Mestre Usui. Estes novos dados permitem-nos uma compreensão mais precisa sobre a história do Reiki.

## A Mestre Takata fala sobre o Reiki

Esta é a história do Mestre Mikao Usui, o fundador do Usui Reiki Ryoho, que significa *Sistema de Cura Natural Usui Reiki*. Na altura, no início da sua história, o Mestre Usui era um reitor da Universidade de Doshisha, em Kyoto. Pastor aos domingos, na Universidade havia uma capela. Por isso, era um sacerdote cristão de estatuto. O meu professor era o Mestre Hayashi, que foi seu aluno e continuou a sua obra após o falecimento do Mestre Usui. Portanto, por outras palavras, o Mestre Chujiro Hyashi foi o seu primeiro discípulo, e foi através dele que fiquei a conhecer a história do Mestre Usui. Não cheguei a conhecê-lo, mas o Mestre Hayashi dizia-me que era um génio, brilhante, inteligente - um grande filósofo e um grande erudito.

Num domingo, estava ele no púlpito a fazer o seu sermão e apercebeu-se de que havia cerca de uma dúzia de alunos na fila da frente. Normalmente, os estudantes da Universidade sentam-se na fila de trás. Então, ele disse: “Bom-dia a todos. Vou começar o nosso sermão dos domingos”. E um dos rapazes levanta a mão e o Mestre Usui reconhece-o. “Sim, o que se passa?”. E o jovem diz:

“Nós, os que estamos aqui sentados, somos os que daqui a dois meses vão sair da escola, vamos formar-nos nesta Universidade. Mas, para o nosso futuro, gostaríamos de saber se tem fé absoluta na Bíblia”. E o Mestre Usui responde: “Com certeza que tenho! É por isso que sou sacerdote e que aceito o que diz a Bíblia”.

O Mestre Usui estava surpreso com a pergunta. E o jovem torna a a perguntar: “Eu represento este grupo, esta classe que se vai formar, e nós gostaríamos de saber mais sobre a sua fé. É por ter uma fé incondicional na Bíblia que aceita o que a Bíblia diz?”. O Mestre Usui responde: “Sim, sobretudo eu tenho fé. E também estudei a Bíblia, por conseguinte eu creio.”. Então, o jovem diz: “Mestre Usui, nós somos jovens nos seus vinte anos e temos pela frente um longo futuro. Gostaríamos, por isso, de esclarecer esta questão de uma vez: se possui tanta fé no cristianismo, deveremos crer, e o Mestre Usui crê, que Cristo podia curar pela colocação das mãos?” E o Mestre Usui diz: “Sim, eu creio.” O jovem diz: “Gostaríamos de acreditar como o Mestre Usui acredita, gostaríamos de ter essa fé, mas perguntamos-lhe a si, que é o nosso Mestre e o nosso Professor. Honramo-lo e respeitamo-lo. Por favor, demonstre-nos.” Então, o Mestre Usui responde: “Que tipo de demonstração?” O jovem diz: “Gostaríamos de o ver devolver a visão a um cego ou a curar um deficiente ou a caminhar sobre a água.” E o Mestre Usui responde: “Apesar de ser um bom cristão e de ter fé e de aceitar o que diz a Bíblia, e sei que Cristo o fez, mas não posso fazer essa demonstração porque não aprendi a fazê-lo”. Então, o jovem diz: “Muito obrigada. Agora escolheremos o nosso caminho e aquilo em que cremos. Podemos dizer apenas que a sua crença na Bíblia é uma fé cega, e nós não desejamos ter uma fé cega, e para vivermos toda a nossa vida, desejamos ver pelo menos uma demonstração pra que possamos segui-lo, e aceitar e ter fé como o Mestre Usui”.

Então, o Mestre Usui disse: “Não posso fazer essa demonstração neste momento. Não vamos discutir sobre isso, mas um dia gostaria de vos provar. Quando encontrar a forma, regressarei e mostrar-vos-ei e demonstrá-lo-ei, eu espero. E, com isto, abduco. Vou descer do púlpito e apresentar a minha demissão de sacerdote de Doshisha e também de reitor desta Unviersidade. Sendo amanhã segunda-feira, vou tratar do visto. Irei a um país cristão estudar a Bíblia, e estudar o Cristianismo num país cristão. E talvez encontre a resposta. Quando a encontrar, regressarei. E dir-vos-ei que consigo fazer o que me pediram.” E disse “Adeus”. E deixou a igreja a partir desse dia. No dia seguinte, o Mestre Usui começou a tratar do visto e escolheu os Estados Unidos. Quando ficou tudo tratado, apanhou o barco, viajou de comboio, e entrou na Unviersidade de Chicago. Estudou Filosofia, mas em primeiro lugar queria estudar o Cristianismo e a Bíblia. Quando começou o estudo, apercebeu-se de que a Bíblia e a escola Cristã que frequentara eram idênticas, os ensinamentos eram os mesmos. E nem na Bíblia Cristã nos EUA conseguiu encontrar a fórmula para a cura deixada por Cristo.

## O estudo do budismo

Estando na Universidade onde tinham filosofias de todo o mundo, começou a pesquisar outras filosofias. Estudou Hinduísmo, Zoarastismo e, claro, religião. Quando chegou ao Budismo, encontrou uma passagem que dizia que o Buda curava através da colocação das mãos. Curou invisuais, tuberculosos e também leprosos. Quando fez esta descoberta, disse: “Devo prosseguir os meus estudos no Budismo e descobrir se Buda terá deixado algum tipo de fórmula para a arte da cura.” Então, o Mestre Usui passou sete anos nos Estados Unidos, e concluiu: “É tempo de ir para um país budista e estudar o Budismo e encontrar a fórmula”. Quando chegou ao Japão, não perdeu tempo. Aterrou em Kyoto, onde vivera, e visitou todos os grandes mosteiros, e ainda hoje Kyoto é a Meca dos templos e o berço. Naquela altura, Nara era o berço do Budismo mas Kyoto tinha mais gente e os maiores mosteiros do Japão. E decidiu ir visitar cada um deles.

Começou pelo maior de todos, o de Shin. Quando lá chegou, conheceu um monge, e perguntou-lhe: “A Bíblia do Budismo ou os Sutas falam sobre a cura do Buda? Está escrito nos Sutas que Buda curou leprosos, tuberculosos e invisuais, colocando as mãos?” O monge respondeu: “Sim, está escrito nos Sutas.” Ele disse: “Já praticou essa arte? Consegue fazê-lo?” E o monge disse: “Bem, no Budismo, a parte física é muito importante, mas consideramos a igreja e o sacerdócio para catequizar as pessoas para que tenham mentes melhores. Queremos primeiro estreitar as suas mentes para que se tornem mais espirituais e então mostrem maior gratidão e aprendizagem de tudo, das melhores coisas da vida. Isto é um templo ou uma igreja, e nós, monges, não temos tempo para o físico no crescimento do espiritual, a cura espiritual vem primeiro.” O Mestre Usui fez uma vénia e agradece: “Obrigada.” E foi-se embora, para Kyoto. Visitou diferentes templos mas toda a gente lhe dava a mesma resposta. Diziam-lhe: “Sim, está registado nos Sutas, por conseguinte nós aceitamos e cremos que Buda era um terapeuta. Mas estamos a tentar curar a mente, primeiro, e por isso desconhecemos tudo o que diga respeito à cura do corpo.”

Após meses de pesquisa, o Mestre Usui desanimou, mas não desistiu. “Ainda tenho um sítio para visitar”. E por fim compreendeu-o, num templo Zen. Quando se aproximou, tocou o sino e apareceu um rapazinho. “Gostaria de falar com o monge mais elevado deste Grande Templo.” O rapazinho respondeu: “Por favor, entre. E quem é você?” Respondeu: “Eu sou Mikao Usui. Gostaria de estudar o Budismo e, por isso, gostaria de conhecer o monge.” A mensagem foi transmitida. O monge, nos seus setenta e dois anos, face adorável como a de uma criança, olhar inocente, voz doce, recebeu-o: “Entre. Quer dizer que está interessado no Budismo?” O Mestre Usui respondeu: “Sim, estou. Antes de mais, gostaria de lhe fazer uma pergunta. A filosofia Zen crê na cura?” Disse o monge: “Sim, cremos. Está escrito nos Sutas que Buda o fez, então no Budismo temos a cura.” O Mestre Usui pergunta: “Então, podem curar o Eu físico?” O monge responde: “Ainda não.” E torna: “O que quer dizer com “ainda não?”” O monge responde: “Oh, nós, os monges, estamos muito, muito ocupados a fazer discursos e palestras e sermões, para que a mente fique afinada para o nível espiritual. Queremos melhorar a mente antes de tocarmos o físico.” “E como vão obter o treino físico?” O monge responde:

“Isso virá a seu tempo. Ainda não desistimos apesar de ainda não o termos alcançado. Daí as preces Zen nos nossos cânticos dos Sutras, que são fundamentais para a nossa fé. Estão mais fortes que nunca, isso não perdemos. E um dia, numa das nossas meditações receberemos essa grande luz, e então saberemos. Sabemos que estamos prontos, mas não no presente. Estamos a tentar e sabemos que ainda não chegámos lá. Antes de terminarmos as nossas meditações e antes de entrarmos na transição, tenho a certeza de que tudo será clarificado e seremos capaz de o fazer.” “Muito obrigado. Posso entrar e ficar aqui a estudar os Sutras que tem em sua posse? Também gostaria de participar nas palestras sobre o Budismo. Eu era um sacerdote Cristão, tenho fé na Bíblia cristã e já procurei por todo o lado e anda não encontrei a fórmula para a cura - apesar de crer que Cristo o fez, e ainda o creio.” Então o monge responde: “Entre.” O Mestre Usui pede: “Gostaria de me juntar aos monges, aos sacerdotes e estudar aqui.”

Demorou-lhe cerca de três anos estudar todos os Sutras do Templo. Quando chegava a hora da meditação, o Mestre Usui sentava-se com os outros monges e participava em horas e horas de meditação. E tornou-se claro em si que isto não era suficiente. Por isso, disse: “Agradeço muito a vossa preciosa ajuda e por me terem deixado ficar aqui. Gostaria de ficar mais tempo e aprofundar os meus estudos.” O monge respondeu: “É bem-vindo a ficar, pois acreditamos na sua busca. A única coisa que estamos a fazer - para além das orações - é meditar bastante para receber essa graça. Porém, se pretende aprofundar os seus estudos, esteja à vontade para o fazer neste Templo.”

O Mestre Usui pensou para si: “Os caracteres japoneses escritos nos Sutras, aliás todos estes caracteres, são originários da China. Adoptámos os caracteres chineses como caracteres japoneses, por isso quando lemos os Sutras não conseguimos compreender. É como um inglês tentar ler latim. Conhece-se, mas os caracteres são tão lidos como escritos.” Podia fazê-lo. Então, aprofunda o estudo dos caracteres chineses e torna-se um Mestre. No entanto, “ainda não é o suficiente. No fundo, o Buda era Hindu, portanto devo estudar sânscrito. Talvez estudando-o me aperceba de alguma nota tirada pelos discípulos de Buda, porque o Buda tinha muitos discípulos, e foi assim que se escreveram as escrituras.”

## No Monte Kurama

Proseguiu, então, como os estudos de sânscrito. Estudou com tanto afinco para se tornar mestre que descobriu a fórmula. Tão simples como uma fórmula matemática. Nada de complexo, simples como dois e dois serem quatro! Disse: “Muito bem. Encontrei. Mas agora preciso de interpretá-la, pois foi escrita há 2500 anos - muito antiga! Não sei se vai funcionar ou não, tenho de testá-la, apesar de não ter garantias de que lhe consiga sobreviver. Todavia, se não fizer o teste tudo será perdido, regressarei ao zero.” Desabafou com o monge e este disse-lhe: “Sim, és um homem corajoso. Aonde pretendes fazer esse teste? Aqui no Templo?” O Mestre Usui respondeu: “Não. Gostaria de ir para as montanhas”, e isso seria em Kyoto. Iria para o monte Kurama. E disse: “Vou testar-me durante vinte e um dias. Se não regressar na noite do vigésimo primeiro dia, na manhã do vigésimo segundo deverão enviar alguém para procurar o meu corpo, pois estarei morto.”

Despediu-se e disse: “Parto numa senda de três semanas de meditação, sem comida - somente água.” Recolheu um pouco de água e começou a subir a montanha, onde encontrou um trilho muito próximo da água. Sentou-se sob um enorme pinheiro e começou a meditar. Mas, antes, lembrou-se de que não possuía qualquer forma de medir o tempo - nem relógio, nem calendário que lhe permitisse ter consciência desses vinte e um dias. Então, recolheu vinte e uma pequenas pedras e empilhou-as à sua frente. Ao lado colocou o recipiente da água, sabendo aonde ir buscar mais caso se acabasse. E então deu início à sua meditação. “Este é o primeiro dia”, e atirou fora uma das pedras. Foi assim que contou os dias.

Esperava que acontecesse um fenómeno qualquer, embora não soubesse exactamente o que poderia ser. De facto, nem sabia bem o que esperar. Durante todo este tempo, o Mestre Usui devotou-se à

leitura das escrituras, entoou cânticos, meditou, e apenas tomou água. E os dias foram-se passando. Por fim, chegou a madrugada do vigésimo primeiro dia. E disse: “A noite mais escura faz a madrugada mais clara, antes do nascer do sol está muito escuro.” Não havia sequer uma estrela no céu, nem lua nem outro tipo de luz. O céu estava negro. Quando terminou a sua meditação, abriu os olhos e olhou para o céu escuro, e tudo o que pensava na altura era: “Esta é a minha última meditação.”

E viu uma luz a cintilar, como se fosse a chama de uma vela, no céu escuro. Disse: “Oh, este fenómeno é muito estranho! Mas está a acontecer e eu não vou fechar os meus olhos, pelo contrário: vou abri-los tanto quanto possa, e testemunhar o que se passa com aquela luz.” A luz começou a mover-se rapidamente em direcção a ele. “Oh, a luz! Agora posso evitá-la ou aceitá-la, o que devo fazer? Mesmo que me atinja e eu caia, não sei, ou se o impacto for tão grave que me atire para trás ou me queime, creio que este é o teste, e eu não lhe vou fugir! Vou enfrentá-lo.” Quando a enfrentou, deixou-se abraçar: “Vem! Se é este o teste, vem e atinge-me, pois estou pronto.” E, com isso, relaxou, e com os olhos bem abertos pôde ver um raio atingir-lhe o centro da fronte e disse, naturalmente: “Estabeleci um contacto.” Caiu para trás, pois a força era muito intensa! “Morri porque não tinha noção, sentimentos, os meus olhos simplesmente..., e os meus olhos estavam abertos e eu não conseguia ver. Não sei por quanto tempo, quantos minutos estive caído, e quando voltei a olhar a luz tinha desaparecido mas eu conseguia ver a luz do dia a nascer, e lá longe ouvia os galos a cantar. Conseguia ver movimentos e pude perceber que o dia estava rapidamente a nascer.”

Depois, aconteceu olhar ligeiramente para o lado direito e reparou que do lado direito do seu rosto começavam a sair milhões e milhões de bolhinhas. E todas estas bolhas tinham cor, eram as cores do arco-íris, que dançavam à sua frente. Quando foram para o lado esquerdo viu novo raio de luz. Era a cor de outro arco-íris. Saiu o azul, que foi do lado direito para o esquerdo, o lilás saiu, um pedacinho de rosa também, e depois o amarelo... Disse que contou as cores, que ao todo eram sete.

Então o Mestre Usui exclamou: “Uau! Isto é um fenómeno! Hoje fui abençoado.” Por fim, viu uma grande luz sair do lado direito e depois ficaram todas à sua frente, como uma imagem. Quando colou os olhos à imagem lembrou-se do que havia estudado no sânscrito - uma a uma foram voando, irradiando letras douradas como que a dizer-lhe: “Recorda-te” Recorda-te!” Nem sequer pastenejou, e observou e observou e disse: “Sim!” Então, uma foi para o lado esquerdo e outra saiu, e à sua frente viu tudo o que estudou e viu no sânscrito a dizer-lhe: “É isto, recorda-te!” Não sentiu dor, nem fome. “Comecei a sentir que o meu corpo quase flutuava.” À medida que o fenómeno se dissipava, sentiu que devia fechar os olhos e meditar pela última vez. Ainda conseguia ver as letras brilhantes à sua frente. “Agora, posso abrir os meus olhos e atirar a última pedra.” Levantou-se, e quando o fez tentou colocar os seus pés no chão. Estavam fortes, apesar de não ter comido durante vinte e um dias. “Sinto-me capaz de caminhar até Kyoto.” A distância era de cerca de 17 milhas. “Mas vou lá chegar antes de o sol se pôr.” E sentiu-se como se o seu corpo tivesse recebido um bom jantar na véspera. “Este é o primeiro milagre, não tenho fome. Sinto-me tão leve.” E limpou a poeira.

Pegou no bordão e no chapéu de palha, e começou a descer a montanha. Algures no percurso, tropeçou numa pedra e aleijou-se na ponta do pé. O sangue começou a jorrar e sentiu dor. E disse, como qualquer outra pessoa diria: “Ah, aleijei-me.” Pegou no pé com a mão direita, quando o tocou sentiu um pulsar como se fosse o coração. Continuou a segurar o pé, à medida que sentia a dor desvanecer-se. E o sangue parou de jorrar. Depois, segurou-o com ambas as mãos. Então, quando o pulsar serenou e a dor desapareceu viu que o sangue secara e o dedo tinha voltado à posição inicial. Mas ainda conseguia ver de onde tinha saído o sangue. E disse: “Este é o segundo milagre.”

Agora, tenho de procurar um sítio onde comer. Olhou à volta e havia apenas um banco com umas mantas e um cinzeiro. Um cinzeiro japonês é uma caixa grande, com uns tubos. Quando se vê isto em algum lado, significa “bem-vindo”. A manta é um convite: “Por favor, sente-se aqui. Há uma estalagem por perto.”

Então, pousou o bordão e o chapéu de palha, e sentou-se, olhando em volta. No canto do lado direito descobriu a estalagem e um homem muito velho. Tinha um avental, barba por fazer, e tentava acender o fogão, como o hibachi japonês. Dirigiu-se a ele: “Bom-dia, caro velho”. Este respondeu: “Bom-dia, caro monge. Chegou cedo.” O Mestre Usui responde: “Sim. Queria uma caixa de arroz, com restos de arroz japonês numa caixa de bambu. Sabe como fazem, põem o arroz lá dentro e depois cobrem-no. Se tiver arroz de ontem à noite, prefiro. E enquanto faz o chá, queria aquele pedacinho de nori que fez hoje. E um bocadinho de couve salteada e peixe seco, se tiver.” (este é um típico pequeno-almoço japonês). E rematou: “Vou ficar a aguardar ali no banco.”

O velho disse: “Adoraria poder dar-lhe o arroz, mas terá de aguardar que faça uma pequena papa. De acordo com a sua dedicação (o que significa que era natural o Mestre Usui estar ali), muita gente sobre esta montanha, que é muito conhecida por ser favorável à meditação. Quando descem após sete dias, uma semana de meditação, a barba está mais curta, e alguns fazem duas semanas, mas de acordo com a sua dedicação, você deve lá ter estado umas três semanas. E se assim é, não comeu durante vinte e um dias. Não lhe posso dar esse arroz, nem o chá, nem as outras coisas que pediu, pois com certeza terá uma indigestão. E se a tiver, eu não tenho medicamentos que o possam ajudar. Estamos a 17 milhas de Kyoto, onde há médicos, mas eu não poderei ir chamar nenhum. Assim sendo, deverá esperar.”

E o Mestre Usui diz: “Muito obrigada, é muito atencioso. Mas penso que devo experimentar.” Rastejou até à mesa e dirigiu-se ao pote de arroz. Carregou-o, pois não quis que o velho lho tirasse. E deixou-o junto ao banco de madeira. Esperou, e uns minutos depois o velho desistiu. O velho disse: “Se quer fazer as coisas à sua maneira, tudo bem!” Mandou vir uma rapariga, que era sua neta, com uns quinze anos, com uma taça de arroz, os pauzinhos e um bule de chá quente, com os restantes ingredientes. E colocou tudo no banco de madeira. A rapariga estava a chorar - as lágrimas a escorrer-lhe pela face abaixo, que estava inchada. Tinha uma grande toalha enrolada na cabeça que fazia parecer que tinha orelhas de coelho. O Mestre Usui olhou-a e perguntou: “Minha menina, por que choras?” Ela respondeu: “Oh, meu querido monge, há três dias e três noites que tenho uma dor de dentes tão dolorosa que não consigo parar de chorar. E não consigo comer. Já não como nada há três dias e três noites. O meu dentista está fora e eu não posso pedir ao meu avô que me transporte 17 milhas até Kyoto. Por isso, resta-me sofrer e chorar. Não consigo parar as lágrimas!” Então, o Mestre Usui levantou-se e começou a apalpar-lhe a bochecha. “É este? É este?”, foi perguntando. Quando acertou no dente, ela disse: “Sim, sim!” E ele colocou a mão sobre essa zona da bochecha. Depois, a rapariga começou a pastenejar, e disse: “Meu querido monge, fez magia!” Ele perguntou-lhe: “Como te sentes agora?” Ela respondeu: “A dor passou!” “Tens a certeza? Estás a dizer a verdade?” E ela confirmou: “Sim, já não tenho que derramar lágrimas. Já posso parar de chorar!” E tirou as orelhas de coelho e limpou a face. Nessa altura, o Mestre Usui colocou as duas mãos no seu rosto e disse: “Agora, acho que estás bem.” A rapariga sorriu, agradeceu-lhe e virou-se para o avô: “Avô, tirei as minhas orelhas de coelho, a dor de dentes desapareceu. Ele não é um monge vulgar, ele faz magia!” Isto foi o que disse a rapariga.

O avô veio cá fora, limpando as mãos no avental, e disse: “Meu querido monge, prestou-nos uma grande ajuda. Fez magia na minha neta, tirou-lhe a dor de dentes. Estamos-lhe muito gratos, muito gratos. Ela estava a sofrer. E como agradecimento, a comida fica por conta da casa. Isto é tudo o que lhe podemos oferecer, porque não temos muito mais, sabe?” O Mestre Usui uniu as mãos e agradeceu: “Obrigada. Aceito a vossa gratidão. Muito obrigada!” E prosseguiu: “E agora, a minha comida!” Mexeu o arroz, deitou o chá quente e começou a comer com os pauzinhos. Comeu com tanto gosto que ninguém o perturbou. Mas desejavam que não tivesse nenhuma congestão. O Mestre Usui saboreou desta forma o seu pequeno-almoço, e disse: “Agora, eis o quarto milagre. O terceiro milagre era ter feito desaparecer a dor de dentes. E não estou a sofrer de nenhuma indigestão. Agora, estou pronto para começar a pedir boleia para estas 17 milhas, e à hora do sol se pôr estarei a chegar ao Templo, conforme combinado.” E assim foi.

Quando chegou ao Templo, tocou o sino da porta e o rapazinho apareceu. Disse: “Mestre Usui, estamos tão contentes por ter regressado. Se não viesse esta noite, sabe que o iríamos procurar amanhã, como pediu.” Veja, todos os pequenos monges do templo têm entre seis e dez anos de idade. Entram quando têm seis anos, para estudar o Budismo. São muito espertos e inteligentes, mas foi assim que ele o tentou provocar. A primeira coisa que o Mestre Usui disse foi: “Como está o nosso querido monge?” “Ah, sofre de artrite e dor nas costas. Esta é uma noite fresca, então ele está encostado ao braseiro e sob mantas de seda.”, disse o rapazinho. “Vá tomar um banho, e enquanto o faz nós trataremos de lhe arranjar roupa lavada e aquecer a comida. Depois de ter comido o seu jantar, visitará o monge, que estará à sua espera. Ele ficará muito contente por saber que está de volta, vou dar-lhe essa mensagem. Vá tomar, então, o seu banho.” E assim fez.

Depois do jantar, foi visitar o monge. O monge estava deitado na cama, agarrado ao braseiro. Disse: “Meu querido monge, estou de volta.” A primeira coisa que lhe perguntou foi: “Que tal foi? Como foi a sua meditação?” “Bem sucedida” Era a única expressão que podia usar: “bem sucedida”. E o monge disse: “Oh, estou tão contente, estou tão contente. Conte-me tudo.” E assim começou a narrar: “Sim, e enquanto lhe conto gostaria de colocar as minhas mãos sobre as suas mantas, na parte em que assentam no seu corpo.” E contou-lhe tudo o que se tinha passado, de quando se sentou para começar a meditar e de quando chegou a madrugada do vigésimo primeiro dia, e o que se passou ao longo desse dia. Era muito tarde quando o monge disse: “Muito bem, muito bem, contar-me-á mais depois, deixe-me reflectir esta noite. Já agora, as dores desapareceram. Vou conseguir dormir. E posso deixar o braseiro em paz, o meu corpo sente-se optimamente! Sinto-me cheio de energia. É a isto que chamas Reiki.” “Sim, Reiki.” E o monge rematou: “Bom, falaremos mais amanhã de manhã, depois do pequeno-almoço.” O Mestre Usui teve uma boa noite de sono, bem como os monges. E ao pequeno-almoço a primeira coisa que disse foi: “O que posso fazer para experimentar isto?” Conversaram e conversaram, e outros monges chegaram, e decidiram que o melhor sítio para experimentar seria ir ao um dos grandes bairros pobres de Kyoto.

Escolheram o maior de todos, e lá encontraram todo o tipo de doenças, inclusivé lepra. O Mestre Usui foi lá como monge, vestido como monge, mas como um vendedor de legumes. Tinha uma cesta de vegetais à frente, outra atrás, e com uma vara carregava-os. Foi andando e entrou no bairro. Logo os pedintes apareceram. Um deles disse: “Estamos a ter um convidado diferente, hoje. O Mestre Usui respondeu: “Por favor, gstaria de ser um de vós, gostaria de viver aqui.” Olharam-no e disseram: “Se quiseres viver aqui, tens de falar com o nosso chefe. Vamos chamá-lo.” Como em qualquer acampamento de ciganos há um chefe do clã, neste bairro também havia um chefe. Quando o chefe chegou, perguntou-lhe: “Com que então queres vir viver para aqui e ser como um de nós?” “Sim, é isso que desejo.”, respondeu o Mestre Usui. O chefe continuou: “Se é esse o caso, tudo bem, dá-me os teus vegetais.” E tirou-lhe toda a mercadoria. “Aqui, não é preciso usares roupas. Tragam as roupas de iniciação.” E trouxeram uns trapos, sujos, fedorentos. Tirou toda a sua roupa, e enquanto o fazia repararam que trazia um cinto com dinheiro. O chefe sorriu e disse: “Os meus olhos são perspicazes e aguçados. Através das suas roupas brilhantes, camisa nova, kimono novo e manto, pude ver o cinto do dinheiro. E isso tem de ficar comigo.”

Entregou-lho e o chefe guardou-o: “Muito bem, tragam as roupas. E vistam-lhe as roupas de iniciação. Agora o cinturão, ponham-lhe o cinturão.” E concluiu: “Passaste pela iniciação e agora podes ficar aqui. O que vais fazer?” O Mestre Usui respondeu: “Não irei pedir comida fora desta zona. Gostaria que me desses um abrigo aonde eu pudesse receber doentes para os tratar.” O chefe respondeu: “Muito bem! Essa é uma óptima troca. Muito bem, vamos trazer-te comida três vezes por dia, e dar-te um lugar para ficar e onde possas receber os doentes. Precisamos disso. E temos doenças de todos os tipos, incluindo tuberculose e lepra. Não terás medo de lhes tocar?” O Mestre Usui respondeu: “Não. Eu sou um terapeuta. E trabalharei do nascer ao pôr-do-sol, por isso desejo que a comida me seja trazida para aqui. Isto é algo muito, muito bom.” O que agradou o chefe. É claro que lhe ficaram com o dinheiro e com os vegetais, que dividiram entre si, e tudo estava bem.

O Mestre Usui começou logo na manhã seguinte. Mas antes escolheu os seus clientes. Agrupou os que estavam doentes e escolheu os mais jovens, pois sendo mais jovens as causas deveriam ser superficiais. Começou a trabalhar na causa e no efeito, causa e efeito. E estava certo! Quanto mais velha a pessoa, mais profunda a doença. Demorou meses a compreender isto. Quando trabalhava com os casos mais superficiais, as melhoras surgiam passada uma semana e o doente estava pronto para uma nova vida. Dizia-lhes: “Vai a esta morada, pede para falar com o monge. Ele dar-te-á um novo nome e arranjar-te-á trabalho. E depois vais à cidade ou aonde quer que te dêem o trabalho, e tornas-te um cidadão honesto e esqueces a miséria deste bairro. Agora que te ajudámos fisicamente, tornaste-te num todo.”

Passaram-se anos. E o Mestre Usui teve inúmeras experiências. Encortemos a história. Terá sido bem sucedido? Foi um sucesso? Muito longe disso! Quando deixou Kyoto e o sacerdócio, partiu em busca da fórmula de cura da parte física. Achava-se um bom sacerdote, portanto quando regressou e fez todo aquele caminho até ao Templo, buscando, todos os monges lhe disseram: “Primeiro o espiritual, a mente, e só depois o corpo. Por que nos havemos de preocupar com o corpo humano, se temos a medicina e os médicos?”

O Mestre Usui estava decepcionado, pois não era este o seu objectivo. O seu propósito era fazer algo pelo corpo. E esqueceu-se da parte espiritual. Toda aquela gente abandonou o bairro. Não eram pessoas fáceis - ele esteve lá durante sete anos. Uma noite, deu por si em Dejo. Caminhou por essa zona para ver o que tinha sido alcançado. Encontrou uma cara conhecida. Disse: “Não me lembro do teu nome, mas a tua cara é-me familiar.” A pessoa respondeu: “A sua também, a sua também.” “Mas eu não me lembro do teu nome. Quem és tu?” “Ah, devia lembrar-se de mim! Fui uma das primeiras pessoas que foi ter consigo e se curou, e que depois mandou ir ao Templo. Quando nos mandava ir ao Templo, era-nos dado um novo nome, um emprego, e tornavamo-nos cidadãos honrados e trabalhadores.”

O Mestre Usui apanhou o maior choque da sua vida. Atirou-se para o chão, apesar de haver ali uma poça de lama, atirou-se na mesma. E chorou, chorou como uma criança. “Oh, o que fiz eu? Eu não tinha uma alma. Então, o físico era secundário e o espiritual vinha em primeiro lugar. Portanto, todas as igrejas em Kyoto estavam certas! Elas estavam certas e eu estava errado! E por isso eu vou curar, curar, sem dúvida! Nada de pedintes, chega de pedintes! Foi erro meu fazer com que voltassem a ser pedintes!” Culpou-se a si próprio. Enquanto tinha a cabeça na lama, começou a pensar. “Esqueci-me de lhes ensinar algo antes de os deixar partir - a gratidão. Todos vocês, vagabundos, estão aqui porque são ganaciosos, ganaciosos. Ganância, ganância, ganância! Querem, querem, querem e não dão nada em troca, nada que revele gratidão.”

Assim nasceram os cinco princípios. E são: só por hoje, não me vou zangar. Só por hoje, não me vou preocupar. Terceiro: honrar e abençoar o nosso pai e mãe, os professores e vizinhos; e honrar a comida, que não deverá ser desperdiçada, porque a comida é uma dádiva de Deus, apesar de cultivada pelos agricultores. Se tens fome, não tens comida. Mas tens de mostrar gratidão em relação à comida. Quarto: vive uma vida honesta. Temos de trabalhar para ter uma vida honesta. E quinto: ser gentil para tudo o que possui vida. Estes são os cinco princípios do Reiki, que nasceram no momento em que o Mestre Usui reconheceu a sua falha.

Ele disse: “Se lhes tivesse ensinado o lado espiritual primeiro e só depois curado o corpo, teria sido mais eficaz.” Agora, todos os seus pacientes estão a voltar. Perguntou: “Quantos anos estiveste a trabalhar fora do bairro?” “Um par de anos.” Perguntou a outro: “E tu, quantos anos trabalhaste?” “Um ano e meio. Mas é muito mais fácil encher o estômago do que trabalhar. Mendigar é uma profissão muito simples. Enche-me a barriga mais facilmente do que o trabalho e o lutar por mim.” E concluiu: “Mendigos são mendigos - acabou-se o Reiki. Acabou-se a cura.” Nesta altura, o Mestre Usui foi-se embora.



Depois, fez uma peregrinação pelo Japão, desde a ilha principal do Norte, até ao Sul, a pé. Escolheu um grande passeio público, onde haveria muita gente. Pegou numa tocha, acendeu-a e andava para baixo e para cima no passeio cheio de gente. Um homem aproximou-se dele e disse: “Meu querido monge, se é luz o que procuras não precisas dessa tocha. Hoje temos muito sol. Está um dia lindo. Não precisas da luz dessa tocha. Consegue-se ver!” O Mestre Usui respondeu: “Sim, é verdade. Mas eu procuro pessoas que estejam tristes, com a mente deprimida, Pessoas infelizes. Procuo pessoas que precisem desta luz para alumiar os seus corações e para saírem da depressão, limparem a sua personalidade, corpo e mente. Se queres este ensinamento, vem à igreja.”

Visitou todos os Templos desta forma, a pé. Num dos seus suguoka preferidos encontrou Chujiro Hayashi, um reformado da Marinha, que tinha sido comandante. Quando ouviu o Mestre Usui falar desta forma ficou interessado e foi ouvir o sermão. Enquanto falava, o Mestre Usui pareceu apontá-lo, dizendo: “Vejo que é um homem de liderança.” “Sim, sou. Servi o meu país como comandante da Marinha de Sua Majestade Imperial. Agora estou reformado.” O Mestre Usui respondeu: “Mas é demasiado novo para se reformar. Por que não se junta a mim nesta cruzada e ajuda-me a ajudar as pessoas? Penso que seria uma ótima pessoa para o fazer.” O Mestre Hayashi respondeu: “Bom, vou tentar, se assim o recomenda. Estou interessado.” Nessa altura, o Mestre Hayashi tinha apenas quarenta e cinco anos. E acompanhou o Mestre Usui por todo o lado. Disse-me que tinha estado com ele, não sei, já me esqueci quantos anos, mas foi até o Mestre Usui falecer. Quando o Mestre Usui entrou em fase de transição, anunciou que o Mestre Chujiro Hayashi seria quem iria dar continuidade ao Sistema Usui da arte da cura.

Esta é a história do Mestre Usui, que ouvi contar pelo Mestre Hayashi. Durante o seu tempo, o Mestre Hayashi não fez qualquer alteração ao sistema. E assim continua a ser nos dias de hoje, por mim e pelos meus alunos e seguidores, que aprenderam esta arte de cura no Usui Reiki Ryoho (em japonês) ou Sistema Usui. A palavra “Reiki” é japonesa e em inglês significa Energia Vital do Universo. Prefiro usar “Reiki” porque foi no Japão que aprendi e, por isso, chamo-a pelo diminutivo “Reiki”.

O Mestre Usui teve a sua experiência no campo dos mendigos. Quando estava caído na lama, o corpo num buraco, foi quando o seu pensamento fluíu. “Ah, cometi um grande erro! Todas as igrejas estavam certas - primeiro o espírito. Aqui, eu não preguei o lado espiritual. Estava tão interessado em curar o corpo que pensei que a melhor coisa seria curar o corpo e ajudá-los a sentir-se suficientemente bem para poderem apreciar esse bem-estar, e depois irem, então, para o mundo como pessoas normais.” Mas ele falhou. E nessa altura nasceram os cinco ideais. E nestes ideais, onde falharam os mendigos? Os mendigos não têm o sentido da gratidão. Por isso, ele disse: “Vou tratar. Mas acabaram-se os tratamentos gratuitos! Nada de Reiki, Reiki, Reiki, ou aulas, porque nunca hão-de aprender a apreciar.” E isto é inteiramente verdade. Naquele momento, o Mestre Usui estava tão feliz porque o podia fazer. “Assim, acabou-se o Reiki gratuito. Tudo tem de estar bem lá no cimo, para que possamos ter uma boa mente e corpo para tornar o ser humano um todo outra vez. “

E isto é verdade. Em 1936, quando regresssei do Japão, o Mestre Hayashi avisou-me: “Quando te tornares um Mestre, nunca o faças gratuitamente, porque não lhe darão valor, porque foi gratuito. Se não tem pagamento, não tem valor.” Mais uma vez, perguntei ao meu professor: “Mestre Hayashi, consente que faça uma só classe gratuitamente? Uma classe para todas as pessoas que me ajudaram ao longo deste ano de tristeza e sofrimento? Gostaria de lhes dar uma aula de Reiki de graça para que pudessem beneficiar.” E o Mestre Hayashi respondeu: “Agora que estás bem, podes mostrar-lhe a tua gratidão através de tratamento, quando precisarem, mas não para lhes dares uma aula para depois usarem esses ensinamentos e te beneficiarem. Isso nunca será aceitável.”

Com este esclarecimento, disse para mim: “Bom, tenho de tentar.” As primeiras pessoas a quem dei aulas de graça foram os meus melhores amigos e familiares. Eram meus cunhados. Todos os meus cunhados tiveram aulas gratuitas, depois foram os meus vizinhos, também gratuitamente. Depois vieram as minhas duas irmãs. Pedi-lhes: “Esperem, esperem. Ainda não vos vou ensinar.” As minhas irmãs ficaram um pouco chateadas e disseram: “Os vizinhos e os nossos cunhados disseram que lhes ensinaste uma coisa maravilhosa.” E eu respondi: “Primeiro, tenho de ver se são bem-sucedidos. Neste momento, tenho de vos dizer que não.” E esperei. Certo dia, estava a estender a roupa,

quando um vizinho se aproximou, dizendo: “Hoje, a minha filha não foi à escola, porque tem uma dor no estômago. E trouxe-a, para a ver.” Respondi-lhe: “Por que não lhe deu o tratamento? Por que o ensinei? Por que não tenta? Você nem sequer tentou!” O vizinho replicou: “Não o vou fazer. Por que haveria? Você é que é a terapeuta e vive mesmo aqui ao lado. É mais fácil trazer-lhe a minha filha do que ser eu a fazer-lhe o tratamento, porque assim eu sei que ela vai ficar bem.” Esta foi a minha primeira decepção. Do outro lado da vila, outro vizinho disse: “O nariz da minha filha está ranhoso e a professora mandou-a para casa, porque é contagioso, deve ser gripe. Por isso, trouxe-lhe a minha filha, quero que a trate.” Perguntei: “Mas eu não lhe ensinei como se faz?” E ela respondeu: “Sim, mas por que haveria de o fazer, se tenho um carro e posso vir a correr ter consigo? Você é que é a terapeuta, e se for você a tratá-la eu tenho a certeza de que ela vai ficar bem.” E então perguntei-lhe: “Alguma vez chegou a tentar fazer o que ensinei?” Respondeu-me que não: “Por que haveria?” Estão a ver? Nenhuma gratidão! E, acreditem ou não, escondi-me em casa e fartei-me de chorar. Olhei em volta, para o meu país, fiz uma vénia ao Mestre Hayashi e também à campã do Mestre Usui. Disse para mim: “Perdoem-me por ter errado. Não ajudei ninguém porque não o aceitaram com gratidão e espiritualidade, pois não tiveram que gastar um tostão.” Concluí: “É muito triste, mas vou passar a recusá-los doravante, para os fazer usar o que lhes ensinei.”

Três meses depois, as minhas irmãs voltaram e perguntaram: “Agora já tens tempo para nos ensinar?” Eu disse: “Sim. Mas têm a certeza de que querem aprender Reiki?” Responderam que sim: “Ouvimos falar muitas coisas boas sobre ti, mas porquê isso, os nossos cunhados sabem Reiki mas não os teus familiares de sangue?” “Porque é preciso pagar.” Exclamaram: “Ah, é preciso pagar! Quanto é?” “Trezentos dólares.” Respondeu: “Agora não tenho essa quantia. Tenho de ir falar primeiro com o meu marido.” Eu disse: “Muito bem. Não tens de me pagar tudo de uma vez, pode ser a prestações. Eu não irei à tua casa buscar o dinheiro. Terás de ser tu a trazê-lo à minha casa nas datas combinadas.”

A minha irmã não ficou lá muito contente. Foi para casa, falou com o marido, e contou o que ele lhe disse: “Perguntaste à tua irmã se podias aprender Reiki com ela?” Ela respondeu-lhe que sim. “Bem, se lhe perguntaste se podias aprender com ela, então tens de pagar. Propões-lhe pagar em prestações. E se é para tu lhe ires levar o dinheiro lá a casa nas datas combinadas, assim o farás, é o que está certo. Está correcto, está tudo correcto. É melhor fazê-lo, é esta a minha opinião.” Foi isto que o marido lhe disse. Como ele concordou, a minha irmã voltou e disse-me: “Sim, vamos pagar-te em prestações de 25 dólares por mês.” Respondi-lhe: “Sim, assim está bem. Agora, vai. É tudo.”

E assim ambas as minhas irmãs compreenderam, e pagaram-me em prestações. Não me senti lá muito bem com esta situação, mas era o princípio que devia seguir. E quando sucedeu uma das filhas da minha irmã ter asma, usou os ensinamentos, porque tinha pago bem para os receber. “Não a podia levar ao médico. Sabes, irmã, funcionou! Estou muito feliz, aprendi e funcionou! Agora ela vai voltar a dormir bem.” E eu disse: “Aprendeste a lição?” “Sim. Vim cá para pedir desculpa por não ter ficado muito satisfeita na altura e por me sentir tão radiante agora que experienciei os ensinamentos. Já compreendo por que me cobraste. Eu sei. Querias que fosse uma boa praticante. Agora, já não tenho despesas com o médico, não tenho de ir a correr para o hospital sempre que tem uma constipação ou um ataque de asma ou bronquite ou dores de barriga. Eu tenho três filhos. Agora compreendo porquê, e aqui, hoje, faço-te uma profunda vénia e agradeço-te e sou-te muito grata. Vou fazer bom uso deste ensinamento.” E assim o fez.

Hoje, é uma mulher cheia de sucesso. Não tem receio no seu negócio. Tem o seu próprio negócio. E é uma grande terapeuta, sim. E disse: “Para sempre, eu vou ter este poder para sempre. Foi um investimento mais económico do que comprar um carro. Não poderia ser mais barato!” De cada vez que me vê, diz: “Dou-te Reiki.” Está sempre a tratar-me, sempre que nos encontramos. Vês? Isto é gratidão.

E hoje, quando olho para aquelas vinte e quatro pessoas a quem ensinei de graça, vejo que nenhuma delas foi bem sucedida. Nem nos negócios, nem na saúde. E, por isso, os meus professores estavam certos, absolutamente certos!

*(fim da gravação)*

*Esta transcrição apresenta-se como parte do projecto de investigação "A verdadeira história do Reiki", que suporta esforços para investigar, recolher e partilhar informação sobre as raízes históricas do Reiki e a sua relação com outros sistemas de cura.*